

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMÁNARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

BIBLIOTECA

ANNO 7.º

DOMINGO, 21 DE JUNHO DE 1896

N.º 329

A PERSEGUIÇÃO A IMPRENSA

Depois da *censura previa* e mais tropelias, que brotaram dos cerebros estolidos dos energúmenos ministros e seu corregedor, a que nos referimos em o artigo do n.º ultimo, vieram as supressões, de que promettemos fallar hoje.

Na sua furia quixotesca, vendo que o paiz adoptou, por lhe ser mais commodo, o processo do despreso, para os mais nefandos e infames dirigentes que paiz algum civilisado pode ter soffrido; depois de verem cada um sido parturejado pelas mentalidades tacanhas e desorientadas dos dictadores, porque de facto o parlamento sonhado pelos srs. João Franco e C.ª, veio a dar n'uma camara de *chês-chês* e n'um *Solar dos Barrigas*, nada mais e nada menos; assim arreliados da tristissima figura que tem exhibido, lançam-se no caminho das arremettidas jograllescas contra a imprensa.

E chamamos-lhes jograllescas, porque, a final, o sr. corregedor Vega e todos os seus beleguins, de terçado em riste, imaginando se a esgrimir contra os principaes órgãos da imprensa portugueza, e pensando que de cada bote derrubavam um jornal, apenas andaram a arremetter, como o heroe de Cervantes, contra os O O e os A A de umas folhas, logrando sómente fazellos fogir para os títulos de outros que os não tinham.

E são para isto os cerebros pupantes dos srs. Hentze e Franco! E é para isto que um juiz de direito se presta a ser corregedor! E é para isto que se paga cara uma policia de beleguins!

Até aqui olhamos as supressões pelo seu effeito comico.

No entanto não podemos deixar de protestar tambem contra a errada applicação da lei, contra as arremettidas tresloucadas dos governantes e seus agentes, por que, se ellas não conseguiram o fim a que visavam, o que trazia grandes prejuizos e muita desgraça, não deixam de incommodar as emprezas jornalisticas e de representar uma affronta á grandiosa instituição da imprensa.

Ainda bem que, ao lavrarmos o nesso protesto, já temos conhecimento de duas venerandas sentenças de magistrados illustres, que nos enchem de entusiasmo e respeito pela magestade da beca, infelizmente, nem sempre elevada á sua verdadeira altura pelos depositarios de um poder, que na sua augusta missão, não pode nem deve deixar-se avas-

salat e desrespeitar por qualquer outro poder.

A primeira sentença que julgou insubsistente a suspensão ordenada pelo agente do governo, com o fundamento que toda a gente conhece, foi a proferida, no processo relativo ao «Jornal de Noticias», do Porto, sendo julgador o sr. dr. Eduardo Martins da Costa, um magistrado tão illustre como integro e zeloso dos bons principios de justiça.

A segunda sentença que sustenta tambem a melhor e mais sensata doutrina, levanta a suspensão imposta ao «Commercio do Porto» e é firmada pelo sr. dr. Abel Pereira do Valle, um dos honrados ornamentos da magistratura portugueza, que ainda ha pouco publicou um livro de subido valor sobre direito penal, que lhe marca um lugar distincto entre os tratadistas d'aquelle importante ramo de direito.

Basta, portanto, attentar na auctoridade dos dois illustres magistrados e nos considerandos em que fundaram a sua sabida decisão, para se notar que as duas sentenças estampam nas faces dos ministros, com o ferrete da mais pura critica, os epithetos de perseguidores inéptos.

CONDE DE CASAL RIBEIRO

A morte d'este illustre portuguez, uma das mais distinctas sumidades do nosso paiz no seculo que vai tambem a expirar, foi o assumpto luctuoso de muitas columnas de todos os principaes periodicos e diários da imprensa da península.

E sempre recebida, com pesar, no nosso intimo, a noticia da perda, do desaparecimento de uma individualidade que se destacava no nosso meio pelo seu figurante espirito, pelo seu caracter diamantino pelo seu coração generoso e bom.

A morte, porem, de Casal Ribeiro emocionou nos fundamente, porque o viamos, como figura preeminentissima entre os homens illustres de Portugal, distincto mesmo para honra da sua patria, ao pé dos grandes homens das nações estrangeiras, circundado d'aquella luminosa aureola que lhe irradiava do seu grande coração, do seu inflexivel caracter, do seu portentissimo espirito.

O acanhado espaço de que dispomos inibe-nos de expressar aqui as cogitações da nossa mente contemplativa e admiradora, ante o tumulo que occulta para sempre essa figura veneranda, das poucas que ainda restam de uma pleiade tão gigantea, como minusculeta é hoje essa raça de dictadores, simples mediocridades que só se avantajam pela vaidade e pela audacia.

O seu elogio cabe só a um panegyrista condigno.

Por nossa parte, satisfazemos

a um movimento sincero da nossa consciencia, associando nos com o maior respeito á grande homenagem que lhe vêm prestando as duas nações que elle mais amava—Portugal e Hespanha.

Aqui deixamos, pois, consagrado o preito da nossa admiração a essa grande alma que voou á eternidade, e que tanto soube vibrar nas melodias do amor, como agitar-se suggestiva e dominadora na magestade da eloquencia.

As seguintes notas que registamos dão-nos uma noticia synthetica da vida do preclaro extinto.

José Maria do Casal Ribeiro, que nasceu em Lisboa a 18 de abril de 1825, tendo portanto completado 71 annos, cursou com distincção a faculdade de Direito na Universidade de Coimbra.

Com os seus mais notaveis condiscipulos e contemporaneos, rendeu ás musas o preito da mocidade. Versejou ao estylo d'aquelle tempo, que era a plena sazão do romantismo.

Graduado em direito, sabiu a politica a disputal-o ás letras amenas. Apenas num ou noutro album dos seus amigos dilectos deixou Casal Ribeiro algumas composições poeticas com data posterior á da formatura em Coimbra.

Em 1851 entrou na camara, eleito deputado por Lisboa, e foi successivamente reeleito, quasi sempre pela capital, até 1868.

Por quatro vezes foi ministro d'Estado:

De fazenda, de 16 de março de 1859 a 4 de julho de 1860.

De estrangeiros, interino, de 24 de abril a 1 de maio de 1860, e effectivo de 1 de maio a 4 de julho.

Das obras publicas, de 9 de maio a 6 de junho de 1866.

De estrangeiros, de 9 de maio de 1866 a 4 de janeiro de 68.

Não cabe nos estreitos limites de um artigo de jornal a resenha dos actos com que Casal Ribeiro illustrou a gerencia das pastas que lhe foram confiadas. Apenas nos propomos reunir, ao correr da penna, alguns topicos biographicos.

Por carta regia de 8 de setembro de 1866 foi nomeado par do reino.

Por carta regia de 4 de janeiro de 1877 foi nomeado suplente á presidencia e vice-presidencia da mesma camara.

Por decreto de 20 de maio de 1870 elevado á nobreza do reino com o título de conde do Casal Ribeiro, em duas vidas.

Por decreto de 6 de maio de 1872 nomeado conselheiro d'estado effectivo.

Desempenhou, entre outras, as seguintes commissões:

Membro da commissão encarregada da reforma do correio geral, por decreto de 15 de outubro de 1851.

Membro da commissão encarregada de fixar os vencimentos dos empregados diplomaticos, por decreto de 19 de março de 1852.

Nomeado plenipotenciario para negociar um tratado de commercio com a França, por decreto de 7 de fevereiro de 1866.

Nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Paris, por carta regia de 22 de dezembro de 1869, exercendo este cargo até maio de 1870.

Nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial á corte de Madrid por carta regia de 11 de março de 1875.

Na mesma corte serviu como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario por duas vezes, sendo nomeado em 1879 e em 1886.

Ali atou relações com os homens mais notaveis da politica hespanhola, entre elles D. Antonio Canovas del Castillo, seu particular amigo.

No congresso diplomatico que sobre negocios de Marrocos se realison em Madrid, estando Canovas no poder, o diplomata que occupou mais proeminente lugar entre os representantes das potencias europeas foi Casal Ribeiro, representante de Portugal.

Graças á sua sagacidade, a Hespanha obteve importantes concessões.

Foi desde então que Canovas começou a ter por Casal Ribeiro uma estima especial, considerando-o um dos seus mais queridos e distinctos amigos.

Entre outras condecorações, o conde do Casal Ribeiro possuia a gran-cruz das seguintes ordens: de Nosso Senhor Jesus Christo, de Carlos III da Hespanha, da Legião de Honra de França, de S. Gregorio Magno de Roma, da Aguiá Vermelha da Prussia, da Rosa do Imperio do Brazil, de Leopoldo da Belgica, de Alberto o Valeroso de Saxonia Real e do Mélijié da Turquia.

O conde do Casal Ribeiro deixou viuva, uma distincta senhora da familia Emauz, e tres filhos: D. Marianna, viuva do conselheiro Lourenço Antonio de Carvalho; José Frederico, em quem se verificou a segunda vida do título; e Ignacio do Casal Ribeiro, que tem sido deputado em mais de uma legislatura.

Os seus funeraes realisaram-se, na quinta-feira passada, em Lisboa, com a maxima impo-nencia.

Junto da campa discursou brillantemente, como sempre, o sr. conselheiro Antonio Candido,

rematando assim a sua eloquent. oração:

«O seu funeral é quasi uma apoteose. Os soberanos dos dois paizes associaram-se, magnificamente, nos preitos da sua homenagem; os povos juntaram se solidariamente na saudade e no luto. Diante d'esta grandeza extinta, as duas bandeiras enlaçaram-se e as fronteiras desappareceram. A sua morte, casualmente, veio reflectir o sentimento mais dominador da sua alma de pensador e de politico.

Era um portuguez de lei, e pela independencia, verteria o seu sangue de bom e leal portuguez. Mas entre todas as nações da terra, era a Hespanha a que elle estremecia sobre todas; e assim foi que, morrendo lá, veio o seu corpo enterrar-se aqui, na terra sua amada, entre a germinação das nossas flores e a ucliação do nosso sol e das nossas estrellas.»

A toda a illustre familia enlutada e, em especial, ao seu filho mais velho e nosso respeitavel amigo, sr. conde de Casal Ribeiro, os nossos cumprimentos de pesame.

COLLABORAÇÃO ESTRANHA

Reflexões sobre a necessidade e utilidade das conferencias moraes: sobre os exames perante os Arciprestes: e sobre o visto posto pelos mesmos Arciprestes nas licenças de celebrar e confessar.

Recebemos de um illustrado parochio d'este cancelho o escripto que vai seguir-se, e a que gostosamente damos publicidade, como nos pede, porque nós é summamente agradavel ver assim advogados os direitos e interesses de classe com estudo e conhecimento de cauza.

Não seremos nós, das que recusam as columnas do jornal á publicidade de escriptos d'esta ordem, em que, a par de uma boa orientação, apparecem, ás claras, os defeitos de certas reformas, que estão a reclamar instantemente o mais prompto reparo.

Mas, resigne-se o illustrado ecclesiastico, a mania das reformas invade hoje, como febre contagiosa, todas as instancias superiores, sem se pensar em os resultados praticos, nem mesmo na legalidade, com que se fazem. A questão é de haver figura; chamar a si os direitos dos outros, e caminhar sempre, fazendo ouvidos de mercadores a todas as reclamações. E, para introdução, já basta.

Para manter no clero o amor aos estudos sagrados, para o melhoramento e sanctificação do mesmo clero, e, ao mesmo tempo, para a reforma dos costumes não menos que para o progresso nas sciencias sagradas, nenhum meio ha mais effizaz do que as

conferencias ecclesiasticas. de-
baixo de qualquer forma em que
ellas se apresentem, porque é o
fim directo d'estas preciosas re-
uniões ecclesiasticas. Estes Syn-
odi minores, segundo a ex-
pressão de um canonista moder-
no, eram analogos aos Synodos
diocesanos, de que nos achamos
privados infelizmente.

Das conferencias moraes, p-is,
depende em grande parte a for-
ça moral do clero. Um clero, que
não tem conferencias moraes, é
como um exercito, que não se oc-
upa em ensaiar a estrategia e a
tactica.

As conferencias ecclesiasticas
são para o clero o que o exerci-
cio é para o recruta, e a pratica
para o juriconsulto.

Como manter acima de certa
altura, no clero, o nivel dos es-
tudos theologicos e canonicos
sem as conferencias ecclesiasti-
cas bem dirigidas e regularmen-
te frequentadas? Como insinuar
e manter a restricta e rigorosa
observação das leis disciplina-
res, sem instituição alguma, que
estimule o clero, ao estudo e ao
respeito d'essas leis? Ninguem
pode ignorar que, sem estes
exercicios, o que se estuda uma
vez, olvida-se promptamente, se
não se recorda com frequencia;

o estudo privado é utilissimo,
mas abandona-se com facilidade,
se falta o calor do estimulo.

As conferencias obrigam ao es-
tudo; concorrem para conservar
a sciencia adquirida nas aulas,
e tambem para augmental-a e
consolidal-a fora das aulas.

A viva voz, por fixar melhor a
attenção, faz que as especies se
gravem mais na memoria, e
alem disso faz que, em pouco
tempo, se aprenda, o que é fru-
cto do trabalho de muitos, o que
assiste ás conferencias, ainda
em pouco tempo, e sem grande
trabalho, adquire um fundo de
conhecimentos, que lhe permit-
tirá desempenhar os deveres de
confessor, com proveito para a
sua alma e gloria para a Igreja,
o que se ouve de viva voz, grava
se mais na memoria do que o
que se lê; em uma hora de con-
ferencias aprende se mais, do que
em vinte de leitura.

Finalmente d'esta classe de
amigaveis discussões se encon-
tram e se esclarecem duvidas,
que do outro modo senão encon-
trariam nem esclareceriam; por
tanto as conferencias ou discus-
sões entre varias pessoas consti-
tuem um poderoso meio de ins-
trução e ainda de edificação.

quando essas discussões movem
o recto desejo de saber e quando
as dirige a moderação christã.
Nestas conferencias a experien-
cia dos anciãos esclarece as du-
vidas dos jovens ecclesiasticos,
insinuando-lhes a applicar os
principios scientificos da moral
dos variadissimos casos, que se
apresentam na pratica, anima
os principiantes timidos; modera
os ousados, e inspirando áquel-
les uma prudente confiança, e
a estes um santo temor, põe a
todos em estado de desempenhar,
com fructo, os officios sublimes
do sagrado ministerio; os jovens
tambem, por sua parte, prestam
serviço aos antigos, recordando-

lhes os principios e regras dos
moralistas que, com o tempo,
facilmente se olvidam, pondo em
seu conhecimento os ultimos de-
senvolvimentos da sciencia,
aprendidas recentemente nas au-
las, as decisões dictadas pela
Igreja para as circumstancias
novas dos tempos.

(continua) J. M.

DIA A DIA

Fazem annos:

Hoje—a sr.ª D. Maria Au-
gusta Ferreira Carmo e o sr. dr.
Joaquim G. de Sá Carneiro.

Dia 23 —o rev. sr. Antonio J.
Monteiro de Lima.

Dia 24—as sr.ªs D. Arminda
da Cunha Velho Sotto Maior e
D. Maria do Carmo dos Santos
Caravana e o sr. Paulo d'An-
drade.

Dia 25—o sr. Antonio Maria
Peixoto Vieira.

Vão meliores dos seus incom-
modos as sr.ªs D. Julia Mattos e
D. Carolina Amalia da Fonseca
e Sousa.

Esteve no Porto o sr. dr. José
Joaquim D. Paulino, nosso pre-
sado amigo e digno cínico.

Tem passado a'gum tanto do-
ente o sr. Francisco V. Velloso,
conceituado ourives d'esta villa.

Está completamente restabel-
cido do incommodo de saude
que ultimamente soffreu o nosso
estimado amigo e patricio, sr.
Domingos José d'Araujo.

Partiram na 2.ª feira passada
para a Allemanha, com o fim de
consultar o notavel medico dr.
Kuhne, proprietario e director
d'um importante instituto thera-
peutico em Leipzig, os nossos
patricios e presados amigos srs.
Abel Fiuza e José Evaristo de
Sarmiento Velloso.

Do coração lhe apeteemos as
melhoras e restabelecimento que
ambicionam, e que regressem ao
seio de suas familias, amigos e
conterraneos com a maxima
felicidade.

Na gare do caminho de ferro,
alem das familias d'aquelles cav-
alheiros, e muitas outras pes-
soas, estavam as seguintes de que
podemos tomar nota:

Dr. Miguel Braga, mãe e ir-
mãs, D. Clara M. Fonseca e fi-
lhas, Domingos J. Alves, Manoel
Augusto de Passos, Henrique da
Cunha Velho, Domingos de Fi-
gueiredo, dr. Antonio Martins
de Sousa Lima, Avelino Ayres
Duarte, Joaquim da Cunha Ve-
lho, José Casimiro A. Monteiro,
Delfino P. Esteves, Arnaldo B.
Braz, Antonio José d'Araujo,
Julio Vallongo e Sousa, Alfredo
A. de Barros e Silva Botelho,
Gonçalo A. de Barros e Silva
Botelho e dr. José Vieira Ramos.

Teem estado em Famalicao,
com sua mãe, a sr.ª D. Maria do
Carmo de Vasconcellos Ferraz, o
nosso amigo sr. Luiz Ferraz,
digno correspondente do «Pri-
meiro de Janeiro» d'esta villa.

PELA SEMANA

Imponente solemnidade

—Nos dias 11, 12, 13 e 14 do
corrente celebrou-se, com a maxi-
ma solemnidade e piedosa devoção,
a instituição da associação do ap-
ostolado da oração do SS. Cora-
ção de Jesus, na freguezia da Silva,
e a 3 kilometros d'esta villa.

O triduo de praticas foi aberto
na tarde de 5.ª feira, pelo bene-
merito e digno capellão do collegio
da Regeneração em Braga, o rev.

sr. Manoel D. Correia, que foi an-
ximado, desde o sabbado até ao
fim da festa, pelo rev. padre José
Bacellar, director diocesano d'estas
associações do poudale.

Em todos os dias do triduo pres-
taram os seus relevantes serviços
os rev.ªs arcipreste do julgado e
abade de Ruz.

No domingo, pelas 7 horas, ce-
lebrou missa o rev. abb. de Be-
niz, acolytado pelo rev. parochi-
do Silva, administrado a sagrada
communhão a mais de 300 fi-
as e as creanças de primeira commun-
hão. Durante este acto religioso
fiz a a progação edificante e apos-
tolica o distincto orador padre José
da Silva Bacellar; tocava, alterna-
dam nte no cõro, a philharmonica
de Villar do Monte.

A s 10 horas e meia chegava ao
aparelho da Silva a fanfara da
officina de S. José, de Braga.
A recepção foi brilhante, imponen-
te, entusiastica.

Esperavam-na centenas de pes-
soas. A banda de Villar do Monte
tocava o hymno nacional, enquanto
que fartas girandolas de fogue-
tes detonavam fortemente nos ares.
A fanfara tocou até á igreja, qua
fica a 100 metros, pouco mais, do
aparelho.

A missa solemn, com exposi-
ção do SS. Sacramento, começou
pelas 11 horas; acompanhou-a
a fanfara, que se houve brilhante-
mente. Pregou, com enegão apos-
tólica ao Evangelho, o rev. padre
José Bacellar.

Finda a festa as duas bandas de
musica acompanharam até ao pa-
lacete da Silva a nobre familia da
casa e a todos os ecclesiasticos as-
sistentes.

No espaçoso terreiro fronteiro
ao palacete tocaram alternadamen-
te a banda de Villar do Monte e
a fanfara da officina de S. José.

Em seguida foi offerecido pela
illustre familia da Silva um luto e
apparo jantar, que foi servido no
espaçoso salão da casa, donde es-
tavam montadas duas grandes me-
zas. Em uma, cujas cabeceiras eram
occupadas pelo illustre dono da
casa e pelo sub-director da officina,
padre Gonçalves, serviu-se o
jantar á familia e seus directores;
na outra, cujas cabeceiras eram
occupadas pelas exm.ªs sr.ªs D.
Maria Antonia e D. Maria F. de
Sousa Alcoforado, fora servido o
jantar ás senhoras, a-s ecclesiasti-
cos e aos cavalheiros convidados,
orçando tudo por uns sessenta e
tantos talheres.

O jantar correu animadissimo.
A fanfara tocou, entre o jantar e
a sobremesa, algumas peças do
seu repertorio.

Ao dessert o sr. Francisco de
Sousa levantou o primeiro brinde a
todos os seus amigos que o auxi-
liaram a fundar n'aquella freguezia
aquella piedosa instituição, de que
muito esperava, e que por isso,
tinha aquelle dia como um dos
mais agradaveis da sua vida.

Seguiu-se o rev. abade de Ra-
tiz, que, d'scurando por mais de
15 minutos, brindou a nobre fa-
milia da tradicional casa da Silva,
a quem agradecia, como padre cat-
hólico, o serviço que prestara á
religião de Jesus.

Terminados os brindes, por um
levantado pelo mesmo orador ao
benemerito fundador e director da
officina de S. José rev. padre José
do Egypto, é que foi entusiasti-
camente correspondido, a fanfara
tocou algumas peças, seguindo to-
dos para a igreja, pregando então
o distincto orador padre Manoel
D. Correia. Era enorme o concurso
de povo e viam-se muitas senho-
ras e matissimos cavalheiros de
esta villa. Seguiu-se uma luzida
procissão, finda a qual subiram ao
ar 22 duzias de enormes foguetes.

Era quasi noite quando termi-
nou esta imponente solemnidade a
expensas da illustre familia da
Silva.

A suppressão—E' já conha-
cido de todo o paz o terrivel e ao
mesmo tempo picaresco flagello

da suppressão que cabiu do hos-
tado dos governantes, e seu az-
regedor sobre a imprensa do paz,
e de que foram victimas o «Jorna-
do Commercio», «O Diário Popular»,
«O Tempo», «O Dia» e «O Corre-
rio da Manhã», de Lisboa; «O
Commercio do Porto», «Jornal de
Noticias» e «A Paravoz», do Porto,
e «O Campeão das Provincias», de
Aveiro.

Pois a justa punição dos aluci-
nados dirigentes não só está na
troça e escarneio que acolheu a
surfandada medidas de degola aos
titulos dos jornaes, mas tambem,
e muito a sério, nas decisões que
acabam de ser proferidas por dois
illustres magistrados, nos autos de
suppressão do «Jornal de Notí-
cias» e «O Commercio do Porto».

No podendo por falta de espa-
ço transcrever a sentença do sur-
dr. Abel do Valle, relativa ao «Com-
mercio do Porto», inserimos hoje
apenas a do sr. dr. Eduardo Mar-
tins da Costa, respeitante ao «Jor-
nal de Noticias», a qual é do teor
seguinte:

«Considerando que, embora seja
um principio d'hermeneutica jur-
dica não dever a interpretação dis-
tinguir onde a lei não disti gue e
por isso deve julgar-se compre-
hendida na disposição do citado art.
4.º tanto a prohibição das noticias
de taes crimes no paz como dos
praticados no estrangeiro; todavia

«Considerando que a lei penal
(e essa não pode deixar de, como
tal, ser reconhecida) não tem in-
terpretação extensiva, não é ad-
missivel a analogia ou indução
por paridade ou maioria de razão,
para qualificar qualquer facto co-
mo crime, cod. penal, art. 18.

«Considerando que a redacção
do texto que se pretende violado
dá effectivamente lugar a que se
julgue que os attentados de anar-
chismo, ali referidos são apenas os
praticados em Portugal, porquanto
a conjunção nem que cebe as
duas orações do periodo e por que
começa a segunda, onde se falla de
diligencias e inqueritos policiaes e
dos debates que houver nos jul-
gamentos de processos instaurados
contra anarchistas, parece excluir
a prohibição da divulgação dos at-
tentados occorridos lá fóra, com
cujos processos, inqueritos poli-
ciaes ou debates forenses o legis-
lador decerto se não preoccupou.

«Considerando que, a ser as-
sim, não deixariam de comprehen-
der-se n'esse diploma legislativo
outras medidas, tendentes a obsta-
r á entrada e circulação no reino
de jornaes estrangeiros, onde taes
noticias vêm a cada passo referi-
das.

«Attendendo finalmente a que a
supressão d'um jornal qualquer é
sempre uma medida violenta, que
acurra prajuzos serios, podendo
dar lugar a que algumas lamhas
que d'ele vivem soffram e muito
nos seus interesses, o que ao jul-
gador tambem não deve ser indif-
ferente, para, sem outros motivos,
a decretar.

«Por estes fundamentos, julgo
não dever subsistir a suspensão
do alludido periodico e mando se
dê conhecimento d'esta decisão á
auctoridade policial, para os devi-
dos effectos. Porto, 16 de junho
de 1896.—Eduardo Martins da
Costa.»

Fallecimento—Finou-se na
freguezia de Alvellos, d'este con-
celho, segunda-feira passada o sr.
Antonio Coelho Falcão, negociante
n'aquella freguezia e regedor da
mesma.

No seu funeral incorporou-se
uma deputação da Associação dos
Empregados no Commercio, de
que o finado era commo.

S. João—No dia 24 do cor-
rente festejar-se-ha no largo da
Pedra do Couto o St.º Precursor.

Haverá alvorada com fogo e mu-
sica, a qual, durante o dia, per-
correrá as principaes ruas da villa
e tocará, no local da festa, em
coreto apropriado. A' noite, vistosa
illuminação, fogo e musica.

Suffragios—Foi muita con-
corrida a missa em suffragio da
alma do sr. commendador José M.
da Costa Freitas mandada dizer
pela direção da Associação H. de
Socorros Barcelloenses, na ultima
2.ª feira, no templo da Ordem 3.ª
de S. Francisco.

—A Congregação Marianna man-
deu celebrar, na terça feira ultima,
na igreja da collegiada, uma missa
suffragando a alma do mesmo set-
timor, expresidente da referida
congregação. Assistiram ao religio-
so acto bastantes associados.

Acto—Pelo do 1.º anno de
medicina, na escola medica do
Porto, o nosso patricio sr. João C.
d'Albuquerque, filho do sr. J. do
Barbão da Silva Cardoso, digno ex-
ercício de direito d'esta comarca.

O nosso sincero parabem.

Votos de sentimento—A
camara municipal, em sua ultima
sessão, approvou, por unanimida-
de, um voto de sentimento pela
morte do sr. commendador José
Marques da Costa Freitas, antigo
vereador do nosso senado.

Tambem a direcção da Associa-
ção de B. dos Empregados no
Commercio de Barcellos lançou na
acta da sua ultima sessão, sob
proposta do seu presidente, um
voto de profundo sentimento pela
perda de tão prestimoso cidadão.

Sello e contribuição—
Se por virtude do sello e augmento
de contribuição, que exige d's cor-
respondentes das companhias de
vapores maritimos quantia supe-
rior a 200\$000 reis, os referidos
correspondentes deixarem de exer-
cer aquelle mister?

Ora pois! a ser geralmente se-
guida tal resolução, nas demais lo-
calidades, como es d'aqui pensam
effectuar, grava-se a sociedade recu-
ta, e, todavia, os novissimos fiscoes
do sedo hjo de perceber os seus
vencimentos.

Que desentenda o esbanjar, quan-
do tanta economia aconselham as
conjuncturas de momento!

Nova associação—No pas-
sado domingo, 14 do corrente,
realizou-se uma reunião de artistas
e empregados forenses para consti-
tuir uma agremiação intitula-
da «Ensejo e Brevios», de cujo
denominagio se deprehendem os
seus fins.

Reconhe das as vantagens do
principio associativo quando apro-
priado convenientemente, são muito
para louvar os propositos dos
instituidores da nova associação.

Damos em seguida a lista dos
eleitos gerentes que tem de funci-
oniar até ao fim do corrente anno:

Presidente da assemblea geral,
Augusto Soucasany; vice-presiden-
te, José R. da Cruz; presidente da
directão, Francisco Simões; vice
presidente, Fernando Marinho; 1.º
secretario, Francisco Maia Gomes
Rod; 2.º secretario, Francisco
Fernandes; directores: João C. do
M. Gómbes, Francisco C. Machado,
Manoel R. da Cruz Lima, Joaquim
da Silva, João Augusto da Silva o
Torquato dos Santos; thesoureiro,
José M. dos Santos Ferreira.

Milagreira—Consta-nos que,
em Milhaze, está abusando da
boa fé do povo qualquer embus-
teira que se cognomina o—Anjo
Milagroso.

Vamos inquirir do caso e, para
o proximo n.º, relata-lhe-mos,
averiguando, tambem, da respon-
sabilidade da respectiva auctorida-
de de que, nos dizem patrocinar a
milagreira.

Distribuidor postal—O
nosso ilustre amigo e rev.º
parochi de Barcelinhos, expon-
do-nos os motivos de uma jus-
tissima queixa, que, para não
surtir effectos mais perniciosos,
por ora e por benevolencia não
quer publicar, pede-nos para so-
licitarmos do sr. chefe da estação
postal a substituição do emrega-
do que ultimamente está encar-
regado da distribuição n'aquella
freguezia, ou então que o advirta
para elle ser mais morigerado.

A camara—Co tando a tarefa que nos imozemos, de v r reclamar os me hamentos, mais urgentes, que imorta praticar, na nossa formosa villa, d aqui levantas a voz, a ver se ella consegue despertar a vereação municipal, da criminalosa indifferença em que marasmio, sobre o que é util e de geral interesse.

Em o n.º passado, occupamos, principalmente, do Jardim publico, em nome da saúde publica, a extincção do lago e, por commodidade e embellezamento, lembramos o prolongamento da sua avenida central, chamando, tambem, para aquelle local, a attenção da policia do municipio, a fim de evitar algumas scenas que por ali se observam, nos dias de grande concorrência impedindo a entrada a quem não corresponda aos preceitos da moral, da moral—ouçm bem—e, ainda, aos bem praticaveis requisitos da decencia e do accão.

Pouco nos importa a profissão ou classe social a que os visitantes do Jardim pertencam. Todos tem direito de frequentalo e não seriamos nós que, sendo do povo, viriamos advogar seleções, quando ellas vã de encontro á nossa modole, sinceramente democratica, á orientação d'este periodico e ao glorioso partido que abraçamos, pelas ideias rasgadamente liberaes que defende.

Mas, porque somos do povo, pelo decoro do proprio povo, exigimos a sua apresentação correcta em publico.

Nada custa a ser-se limpo e, se a fatalidade nos conspura o organismo nas purulencias de moléstia infecta, devemos, por deliberação propria, pela estima que devemos ao nosso semelhante, fugir dos agrupamentos, para que, o contagio, a não enxameie nos outros.

Mas, se aguem se obstina em não obedecer aos dictames da boa razão, pelo mesmo motivo que amputamos a parte gangrenosa do nosso corpo, embora condouidos, expunhamos, do corpo social, o membro que a doença empstionou, e então como necessario correctivo, aquelle que nos abrumaivel desmizelo enxovalha.

Isto, além de decoroso, é hygienico, é humanitario!

Paris, bem alto, proclamamos as medidas que apontamos á presente gerencia municipal, sem tomar perfidas insinuações.

Reiterando todas, todas, as reclamações que fizemos no numero passado, e proseguindo, vamos, como promettemos, falar da rua de Faria Barbosa.

* * *

Sem duvida, uma das arterias mais transitadas d'esta villa e, principalmente, pela fluctuante população das quintas-feiras, a rua de Faria Barbosa encontra-se, hamuito, em estado lastimoso, offercendo imminente risco á passagem de vehiculos que, como é costume ver-se, á mercê da incuria da policia respectiva, por ali rodam, verdadeiras montanhas ambulantes, no pittoresco mas perigoso aleandorar das pessoas e bagagens que conduzem.

Só por milagre se não tem dado lamentaveis desastres, taes são os solavancos a que obrigam os carros, as covas que já profundas, se cavam no leito da rua, em deploravel desegualdade.

A Providencia, porém, pode esquecer os viajeros nas imminencias do perigo e não teremos que pranteiar alguma horrivel desgraça, do que será responsavel a camara, pelo imperdoavel de-leixo que a inibe de remediar tão flagrantee necessidade.

Isto é obvio, não carece de explicações. Vão lá os srs. vereadores, nos dias de mercado, verão se os não assaltarão o receio que acalmos de expôr.

Cadem em reparal-a, porque,

n'isso, emprehendem um proveitoso melhoramento.

A rua de Faria Barbosa é uma das primeiras que os farosteiros, vndos por Barcelinhos, frequentam e é bem triste que, os de fóra, suspeitem da inequía do nosso municipio.

Determne pois, a camara, as reformas que se lhe reclamam, como momentosas, e não seremos nós que lhe regatearemos o elogio.

Esperando que ha de ponderar nas nossas considerações, aguardaremos a sua resolução, não deixando, contudo, mão do assumpto.

Par hoje, terminamos, remetendo-lhe o pedido que nos fizeram da nossa attenção para a rua de D. Maria 2.ª, antiga das Ferreros.

Festividades—Realisa-se hoje no templo do Bom Jesus da Cruz a fés a do Menino Jesus.

Consta da missa cantada a grande instrumental e sermão pelo nosso amigo e patricio sr. Antonio Villa-Chá-Esteves que fará a sua estroia na oratoria sagrada.

Tem musica pela Banda Barcelense.

—Tambem se verifica no dia 24, na freguezia de S. Martinho de Vila Frescainha, uma festa ao Senhor da Piedade, que constará da missa solemne, proeção e sermão pelo nosso presado amigo rec. abbade de Aldrea.

Missa—Na passada 4.ª feira, 2.º anniversario do passamento do nosso sadio amigo Francisco M. da Costa Freitas, sua irmã, a exm.ª sr.ª D. Marianna Candida M. da Costa Freitas, mandou rezar, na capella de S. José, uma missa em suffragio da alma d'aquelle seu irmão, a que assistiram pessoas da familia.

Iluminação publica—Pode dizer-se que ultimamente foi supprimida a iluminação publica n'esta villa.

Serão ordens do sr. corregedor? Depois que desaparece o luar, fica esta povoação immersa na escuridão da noite, sem um unico candieiro acceso.

Reclamamos providencias á zelosissima camara.

EXPEDIENTE

Tivemos que reitar do presente n.º, por accumulção de original, a continuação do artigo sob a epigraphe «Vexames e desorganizações» e dos trechos de A Herculano, com o titulo—«Monumentos patrios», bem como a secção—«Sciencias e Letras»

—Tambem pela abundancia de original deixamos de dar a secção «Publicações», com as noticias respectivas, entre as quaes as da recepção dos seguintes apreciaveis volumes: «A Patria», de Guerra Junqueiro: «Introdução e theoria da historia da litteratura portugueza», por Theophilo Braga; e «A Campanha d'África», por um sargento, os dois primeiros editados pela importante casa Chardron, successores Lello e Irmão e o ultimo pela Empreza Editora do «Occidente».

COMMUNICADOS

Sr. Redactor

Ha pouco zelo com as alfaias da Irmandade de Nossa Senhora das Neves

Dous objectos de prata de bastantee valor, a cruz e a vara, que custaram 186:720 reis, são tratados como roupa de francezes.

E' conveniente dizer que a gerencia de 79 até 94 foi, pelas linguas viperinas, criticada, havendo, até quem lhe chamasse ladra.

Uma gerencia que deixou reis 60:000, a mais, no cofre.

Ha um servo, senhores, a quem se paga para ter cuidado com as alfaias...

Façam-n'io cumprir com as suas obrigações e assim cumpram, tambem, os mezarios com a sua.

Barcelinhos, 10 de junho de 1895.

De V. etc.
J. M. de J.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

O abaixo assignado agradece por este meio, pehoradissimo, a todos os seus amigos e mais pessoas das suas relações que o visitaram e mandaram saber do seu estado, durante a enfermidade que ultimamente o accommeteu, não podendo deixar de especialisar o distincto e habil clinico, o exm. sr. dr. José Joaquim Duarte Paulino, pelo carinho e assiduidade com que o tratou.

Igualmente agradece á banda da sua regencia, a maneira como se manifestou mandando rezar uma missa em acção de graças pelo seu restabelecimento; ao brioso corpo activo dos Bombeiros Voluntarios, á excellente Banda Barcelense e a todas as pessoas que assistiram á referida missa.

Por tantas provas de affectuosa amizade e consideração, a todos tributa a sua estima e eterno reconhecimento.

Barcellos, 20 de junho de 1896.
JOÃO VALLONGO

Devoção do Senhor da Fonte da Vida

O abaixo assignado, tendo pedido, em nome da respectiva commissão, á exm.ª sr.ª D. Theodolina Veiga Vilaça, viuva do sr. dr. Antonio Augusto d'Azevedo Vilaça, para conceder licença de se festejar no corrente anno a Imagem do Senhor da Fonte da Vida, erecta na Igreja do Convento da Franqueira, e recusando-se aquella Senhora a isso, por ter fallecido ha pouco tempo o seu referido marido, rem. o mesmo abaixo assignado, declara, em nome da mencionada commissão, que não se realisará no corrente anno, pela razão indicada, a festividade e romagem que se projectava, o que se faz publico para não se attribuir qualquer falta a quem a não tem.

Barcellos, 15 de junho de 1896.

Pela commissão promotora da festividade ao Senhor da Fonte da Vida—Antonio Justiniano da Silva.

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª publicação

Pelo jazo de direito de esta comarca e cartorio do 3.º officio, nos autos de inventario de menores a que se procede por fallecimento de D. Anna Casimira Brandão, viuva, moradora que foi n'esta villa, e em que é inventariante Joaquim José de Sousa Brandão, casado, d'esta mesma villa, correm editos de trinta dias citando o interessado Jose de Sousa Brandão, auzente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos do me-mo inventario até final e n'elle deduzir o seu direito, com a pena de revelia.

Barcellos, 30 de maio de 1896.

Verifiquei.

O juiz de direito

Fernandes Braga

O escrivão ajudante,

Francisco de Sousa Caravana.

(232)

CEREAES

Eduardo Carmona, d'esta villa, na qualidade de representante da casa Victorino Coimbra, á rua da Fabrica, 78, Porto, annuncia que compra em todas as quintas feiras e domingos, qualquer quantidade de cereaes e legumes seccos, taes como: feijão de todas as qualidades, milho, centeio, etc. etc., fazendo sempre o maior preço que o estado do mercado o permittir, para cujo serviço já tem devidamente montado um armazem, no Campo da Feira, d'esta villa.

Barcellos, 30 de maio de 1896.

Eduardo Carmona

PREÇOS CORRENTES POR CADA 20 LITROS

Milho branco	560	Feijão frade	660
» amarello	560	» manteiga	1:000
Trigo da terra	940	» mistura	560
Centeio	600	» mulato	800
Cevada	420	» preto	700
Paíço	600	» rajado	640
Feijão amarello	660	» vermelho	900
» branco	800		

AGUAS DE ST.ª MARIA DE GALLEGOS

(A 3 KILOMETROS DE BARCELLOS)

Hypo salinas - Bicarbonatadas - Chloretadas sodicas
Ciliciosas—Azotadas—Sulfidricas—Inalteraveis

Como se deprehende da riqueza e especialidade da sua mineralisação e a experiencia de sessenta e tantos annos tem probado, estas aguas são UTILISSIMAS no tratamento de muitas doenças da pelle, do rheumatismo, do apparatus respiratorio e dos orgãos da digestão uzadas em banhos, internamente, em inhalações e pulverisações.

Carreiras diarias de Barcellos para as caldas.
Casos para alugar a preços muito modicos.
Correio diario.
Estabelecimento bem montado e melhorado este anno com ger a dor de vapor para o aquecimento das aguas.
Medico de combinação com a empreza.
Para mais esclarecimentos dirigir ao pro, rietario—Chrysogno Correia—BARCELLOS.

O MELHOR ENXOFRE DO MUNDO

1.ª qualidade moído na Azinha da Ponte, Barcelinhos, 420 reis a arroba.

2.ª qualidade moído lá fóra, 380 reis a arroba.

AZENHA DA PONTE
BARCELINHOS

BARGOS PARA RECREIO

Vendem se ou alugam se.

Aluguer, 50 rs. por hora.
Só poderão navegar entre as agudes da Ponte e St.ª Antonio.

Quem os alugar fica responsavel pelas avarias que os mesmos soffrerem.

AZENHA DA PONTE
Barcelinhos

Bom emprego de capital

Vende se a casa e quintal de S. Vicente no campo de S. José.

Quem a pretender dirija-se á sua proprietaria D. Marianna Candida M. da Costa Freitas.

UMA BELLA NOVIDADE LITTERARIA

SERÕES E SESTAS

Revista das familias, illustrada
Encyclopedia popular da vida pratica

Cada numero, semanal, de 32 paginas, nitidamente impressas, 40 reis

Empreza dos «Serões e Sestas»—R. N. do Loureiro, 25—Lisboa.

A nova collecção popular

Emilio Michobourg
A IRMÃOZINHA DOS POBRES

200 gravuras de Lix
Emilio Michobourg, o auctor da «Toumeira do Membo», não precisa de ser apresentado aos leitores. E' sem contestação o Rei dos Romancistas Populares. Ninguem como elle sabe commover, agitar, impressionar até ás lagrimas o publico fiel que devora os seus romances.

Depois do exito extraordinario que obtivemos com a «Toumeira do Membo», (seis mil exemplares quasi exgotados!!!) só o mesmo escriptor nos podia prometter um successo igual. Não hesitamos pois em adquirir por elevado preço a traducção do seu ultimo romance

A Irmãozinha dos pobres que vamos publicar em edição esplendida, sem precedentes como barateza e illustrada com

200 GRAVURAS

do mais alto valor artistico.

«A Irmãozinha dos pobres» começará a publicarse na primeira semana de junho proximo.

Todos os assignantes tem direito a dois brundes, extraordinario trabalho de grande concepção artistica, allusivos ao centenario da Lida—A partida de Vasco da Gama para a India, e a chegada de Vasco da Gama depois de ter descoberto a India.

1 caderneta de 3 folhas com 3 gravuras por semana. 60 reis.

Assigne-se desde já, na Casa Bertrand—José Bastos—73, Rua Garrett, 75—Lisboa.

A CAMPANHA D'ÁFRICA

cançada por um sargento

Edição popular
Illustrada com 40 gravuras, retratos dos heroes da campanha, vistas de terras de Africa, combates, etc.

Preço 320 reis, com uma linda capa de percaline 500 reis.

Pedidos á «Empreza do Occidente»—Largo do Poço Novo—LISBOA.

ENCYCLOPEDIA

DAS

FAMILIAS

REVISTA DE INSTRUÇÃO E RECREIO

A mais útil e economica que se tem publicado em Portugal

UNICA que tem atingido o n.º 108, formando 9 grossos volumes de 960 paginas cada um, em que se acham comprehendidas e largamente desenvolvidas as seguintes secções:

Agricultura, anedoctas, antiguidades, apontamentos historicos, arithmetica, assumptos religiosos, astronomia, bellas artes, botanica, contos infantis, descobertas e invenções, dictionario da biblia, economia domestica, estatistica, geographia, historia natural, homens illustres, hygiene, jardinagem, litteratura, machinas, medicina familiar, modas, moral, mosaico, mythologia, pensamentos, physica, poesia, proverbios, sciencias e artes, etc.

Cada anno forma um grosso volume de 960 paginas, pela modica quantia de 800 reis; pagamento adiantado. Estão já publicados 9 annos ou 108 numeros. A empresa faz o abatimento de 20 p. c. a quem comprar a collecção.

Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia ao escriptorio da empresa editora—Rua do Diario de Noticias, 93, Lisboa.

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

ALFAIATERIA

—DE—
JOAQUIM BARROSO DE MATTOS & C.ª

40—Largo da Porta Nobre—44

BARCELLOS

Os proprietarios d'esta casa, participam aos seus estimados freguezes, e ao publico em geral, que acabam de contratar, para dirigir o seu atelier de Alfaiate o sr. José Moreira da Silva Baião, conhecidissimo ex-contra-mestre da Alfaiateria Keil de Lisboa.

Não se tendo poupado a despezas para poderem apresentar pessoa competentemente habilitada a bem executar toda e qualquer qualidade de obra pelos ultimos figurinos, esperam dever a visita de seus estimados freguezes e de todas as pessoas de bom gosto.

Igualmente participam que acabam de receber parte do sortido para a proxima estação de verão.

ELEGANCIA, PERFEIÇÃO, ECONOMIA

Grande sortido de picotilhos, cheviotes e cazimiras!

ALMANACH DAS FAMILIAS

PARA 1896

3.º anno de publicação—Preço 100 reis

Util e necessario a todas as boas donas de casa. contendo uma grande variedade de artigos relativos à hygiene das creanças e uma variada collecção de receitas e segredos familiares de grande utilidade no uso domestico

Acompanhado de varias composições litterarias e charadisticas, intercaladas no texto das diversas secções

Sumario:—CONSELHOS AS MÃES—O regimen das amas.—Quando se deve desmamar uma creança.—As lavagens das creanças.—Como se devem deitar as creanças.—A revaccinação.

GASTRONOMIA—A uma grande variedade de maneira de preparar artigos de cozinha, doces e licores.

MEDICINA FAMILIAR—Rapida resenha de algumas receitas mais indispensaveis e que se podem applicar sem o auxilio de medico e de grande utilidade geral.

SEGREDOS DO TOUCADOR—Diversas receitas hygienicas, concernentes á maneira de conservar a saude e belleza da mulher.

RECEITAS—Uma grande collecção em todos os generos, util e indispensavel a todo o momento a uma bona de casa.

Pedidos, a João Romano Torres. Rua de D. Pedro V, 86 e 88, CLisboa.

TYP. DO «COMMERCIO DE BARCELLOS»

Largo de José Novaes, n.º 33

Editor responsavel:

JOSÉ DA SILVA MACIEL, DE RORIZ

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO DE PORTUGAL

Parte continental e insular. Desganhando a população por districtos, concelhos e freguezias, a superficie por districtos e concelhos, etc., etc.

Mencionando todas as cidades, vilas e outras povoações, ainda as mais insignificantes, a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar, as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos, e comprehendendo a indicaçõ das estações de caminho de ferro, postas, telegraphicas, telephonicas, do serviço de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, repartições com que as diferentes estações permutam malas, etc., etc.

por **F. A. de Mattos**
Empreza do Ministerio da Fazenda
1 volume com mais de 800 paginas. 1\$600 reis. A' venda nas principaes livrarias, e na administração da empresa editora «O Recreio», rua do Marechal Saldanha, 59 e 61, Lisboa.

Historias das Industrias portuguezas

A INDUSTRIA AGRARIA

por **J. M. Esteves Pereira**
Trabalho original, curioso e instructivo. Edição economica. Preço 300 reis.

A' venda nas livrarias
Deposito—Lisboa—Rua da Esperança, n.º 19.

André Casa Roband—José Bastos—Rua Garrett—Lisboa.
H. Lombardi e C.ª—Rua dos Olivares, 7, Rio de Janeiro.

Romances—Historias—Vieiras, etc.

Apparecendo a 10 e 25 de cada mez

MAGAZINE LITTERARIO

A LECTURA

SERMO SOBRE SANTO ANTONIO

Pelo Padre Antonio Vieira.
Preço 200 reis. Pelo correio 210.

Todos os pedidos deverão ser feitos ao editor Mesquita Pimentel—Porto.

NOVIDADE LITTERARIA

CHOROGRAPHIA DE PORTUGAL, ILLUSTRADA

50 gravuras e 20 mappaes a cores por

Ferricra-Deu dado

Professor proprietario lyceal de Geographia, Historia e Philo sophia, antigo membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, director da Revista de Educacão e Ensino &.

Custo 1\$000 reis
Guillaud Aillaud e C., Casa Editor e de omissão—Lisboa, 242, rua Aurea, 1.º
A' venda em todas as livrarias.

GUILHERME BRAGA

OS FALSOS APOSTOLOS

Segunda edição com um estudo critico

por **Heliodoro Salgado**

Preço 200 reis

Livraria Camões de Fernandes Passas

24—Ruado Almada—28

PORTO

PHARMACIA

DA

Santa e Real Casa da misericórdia

DE

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—AVELINO AYRES DUARTE

Pharmaceutico de 1.ª classe pel Universidade de Coimbra

Variado sortimento de faldas, algalias, meias elasticas suspensorios de madeiras, thermometros, etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades, pharmaticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

LIVRARIA ESCOLAR

DE

CRUZ & C.ª EDITORES

BRAGA

ANESTRA DOS CHANTEPOT

Por Mary Floran, versão Alfredo Campos

1 vol. brochado..... 400 reis

VIDA DO ARCEBISPO D. FR. BARTH LOMEU DOS MARTYRES

Por Fr. Luiz de Sousa

3 grossos vol..... 1\$800

CURA DAS MOLESTIAS PELA AGUA

Obra illustrada com gravuras para applicações hydroterapicas pelo celebre rev. padre Sebastião Kneipp, traducção do saudoso extinto o Alves d'Araujo.

2 vol. brochados..... 1\$200

O ANJO DA NOBIDADE

OU

VIDA DE S. LUIZ GONZAGA

Por J. J. Almeida Braga—2.ª edição

1 vol. brochado.... 200

S. GONÇAL D'AMARANTE

Poema lyrico em seis cantos, por Francisco Lopes, poeta seicentista, com uma polygraphia Camoneana pelo professor decano do lyceu de Braga, dr. Pereira e Aldas.

1 vol. brochado... 200—Em papel asetinado... 250

POETAS DO MINHO

MONOGRAPHIAS

Por ALBERTO PIMENTEL

1—João Penha

A seguir «Monographias» d'outras poetas das diferentes localidades d'esta encantadora provincia.

O Portugal Jacobino

Por JACINTHO FERNANDES

Critica resposta ao «Portugal Jesuita» de M. Borges Grainha

1 vol. brochado..... 500

N'esta livraria encontra-se variado sortido de livros adoptados nas escolas primarias, lyceus e seminarios. Obras litterarias, religiosas e liturgicas. Deposito dos livros do Archivo Juridico e de muitas edções escolares—impressos segundo os modelos officiaes para escriptuacão nas escolas publicas.

LIVRARIA ESCOLAR

DE

CRUZ E C.ª—EDITORES

68. Largo do Barão de S. Martinho, 71—56, Rua

Nova de Sousa, 58

BRAGA